

A superficialidade nas reportagens apresentadas pelo Jornal Hoje: uma abordagem ducrotiana do telejornalismo brasileiro

Debora Cristina Lopez e Ivo José Dittrich*

Índice

1	Introdução	1
2	Semântica e significado	2
3	Ponto de Vista: uma análise da superficialidade informativa	6
4	Referências Bibliográficas	9

Resumo

A presente proposta de pesquisa objetiva analisar, a partir de Ducrot, a superficialidade com que é tratada a informação no telejornalismo brasileiro – mais especificamente no telejornal Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão. Para tanto, foram selecionados textos de reportagens e notas da produção, que são analisadas através dos pressupostos ducrotianos. Trabalhamos, aqui, com discussões relativas à semântica e à construção de

*Debora Cristina Lopez é mestranda em Letras pela Unioest, graduada em Jornalismo pela UEPG e professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Univel, em Cascavel. Ivo José Dittrich é doutor em Linguística pela UFSC, mestre em Filologia e Linguística da Língua Portuguesa pela UNESP, graduado em Letras pela FECIVEL e coordenador do curso de Letras da UNIOESTE – *campus* de Foz do Iguaçu.

significados no discurso, aliados às noções de pressupostos e subentendidos de Ducrot e sua aplicabilidade à mídia televisiva brasileira.

1 Introdução

Se a semântica é vista como uma das ciências que realiza os estudos do significados, como apresentam inúmeros autores, é importante que seja considerada nos estudos da mídia. Predominantemente a semântica argumentativa, com base no que trata O. Ducrot, precisa ser considerada.

Neste estudo pretende-se caracterizar a semântica, apresentando e diferenciando suas subdivisões modalidades, para, posteriormente, analisar através deste instrumental alguns modelos de produção jornalística.

Para tanto, trabalharemos com as distinções de semântica nos primeiros capítulos, a opção pela semântica argumentativa, que será aprofundada a partir das teorias ducrotianas que tratam das categorias enunciativas, do silenciamento discursivo, dos pressupostos e subentendidos. Será abordado também o que Eduardo Guimarães denomina *semântica do acontecimento* (2002), conceituação a ser amplamente utilizada na análise do ma-

terial jornalístico. Na seqüência, a relação entre semântica e mídia será apresentada e estabelecida através da discussão teórica previamente apresentada. O objetivo é identificar a superficialidade das informações transmitidas pelos meios de comunicação atuais, mais especificamente a mídia televisiva, que exige, para compreensão das informações, um contexto lingüístico, informacional e social.

Para análise, foram selecionados os textos de um dos principais telejornais nacionais do Brasil: o Jornal Hoje (JH), da Rede Globo de Televisão. O noticiário televisivo em questão é um dos mais assistidos, por apresentar um perfil de produção e pautas com temáticas voltadas ao cotidiano e ao comportamento. Assim, além das notícias quentes¹, o JH traz informações consideradas leves, apresentadas em matérias mais longas e que, costumeiramente, aproveitam-se de enquadramentos diferenciados e recursos áudio-visuais, como o som ambiente.

Quatro reportagens² foram selecionadas

¹No jornalismo, matérias quentes são factuais, referem-se aos fatos acontecidos recentemente, voltados para a cobertura diária dos acontecimentos. Assim, a cobertura e o acompanhamento da prisão do ex-ditador iraquiano é uma notícia factual. Mas não necessariamente uma informação factual deve ser inesperada. A cobertura das comemorações do aniversário da cidade, por exemplo, mesmo que prevista e, portanto, não inesperada, é factual. Já uma matéria como a selecionada, que não tem uma data determinada para ser transmitida, porque não “vence”, pode ser divulgada em outra data, é considerada “fria”, não-factual, leve.

²Os textos das reportagens extraídas da edição de 15/12/03 do telejornal Jornal Hoje referem-se a reportagens completas, já as que dizem respeito à edição de 13/12/03 são referentes a notas peladas (nota pelada é o texto lido pelo apresentador do telejornal, quando a informação é importante, mas o meio de comunicação

para análise, sendo duas do dia 13 de dezembro de 2003, sábado, e duas da segunda-feira seguinte, dia 15 de dezembro de 2003. As pautas são variadas, sendo uma delas da editoria internacional (R1), tratando da prisão do ex-ditador iraquiano Saddam Hussein (13/12/03); uma da editoria nacional (R2), que aborda as comemorações dos 450 anos de São Paulo (13/12/03); uma da editoria internacional (R3), falando sobre o desaparecimento de uma ativista inglesa do Greenpeace (15/12/03); e, por fim, outra reportagem enquadrada na editoria nacional (R4), que trata do resgate de dois brasileiros que foram à África do Sul vender os rins (15/12/03)³.

Nas reportagens, a discussão está voltada para a presença de pressupostos e subentendidos no discurso e a necessidade de contexto para a compreensão das informações apresentadas pelo meio de comunicação de massa.

2 Semântica e significado

A semântica é conhecida como o estudo do significado. Portanto, é necessário que, em um estudo que inicialmente visa a apresentar e diferenciar as categorizações referentes a essa ciência, as distintas significações de significado sejam apresentadas, exemplificadas e discutidas. Vale destacar que, na construção e análise de um dado discurso, as noções de sentido e significado, a intencio-

não tem imagens sobre o assunto, ou ainda quando a informação é excessivamente factual e não houve tempo de realizar uma reportagem sobre o tema).

³Na análise em questão será considerada a linguagem verbal oral das reportagens selecionadas. A linguagem paralingüística não será considerada, seja no que se refere à entonação apresentada, seja às imagens que compõem a matéria.

nalidade, a carga ideológica e o contexto em que se insere esse discurso são determinantes para a sua compreensão, para a interpretação do texto. “A noção de interpretação passa por evidente quando, na realidade, cada teoria lhe dá um sentido diferente de acordo com os diferentes métodos praticados” (ORLANDI, 2001:19). Daí a importância da interpretação na construção e na reconstrução do discurso jornalístico: sem a interpretação não se cria e não se identifica sentido no discurso, e não se pode, também, pensar o discurso argumentativo sem a presença de uma forte carga ideológica e sem a manutenção da intencionalidade, visando à manipulação ou, ao menos, à orientação e persuasão através do discurso.

Assim, é determinante também, para que se compreenda o processo de criação de sentidos e instituição de significados, diferenciarmos, de imediato, algumas representações da palavra “significado”. Lyons (1977) demonstra algumas destas diferentes significações a partir de um elenco de perguntas envolvendo a expressão:

Qual é o significado de ‘sesquiáltero’?
A vida sem fé não tem significado.
Que significado tem para ti a palavra ‘conceito’?
A celebridade e as riquezas não têm significado para ele.
Qual o significado da observação dele?
Neste quadro, cores e linhas têm significado próprio.
As nuvens escuras significam chuva.
(LYONS, 1977:12)

Assim, visualiza-se algumas das significações que aplicaremos neste estudo: (1) a significação literal, morfológica, da palavra; (2)

significado como compreensão social de um dado conceito; (3) significado como compreensão pessoal de um conceito, que varia de acordo com o interlocutor, entre outros. As compreensões (2) e (3) alteram-se de acordo com a mudança contextual – lingüística e social – que se dá no discurso e também na formação dos interlocutores que passam a agir no processo comunicativo. Como a mídia age com base no que exige e procura o público⁴, a interação no processo comunicacional intensifica-se em relação à relevância da interlocução na construção do discurso.

Moura (1999) diferencia, em sua obra, sentido de significado. O autor lembra que o significado refere-se mais ao contexto, variando de acordo com a alteração da situação em que se insere a argumentação. Assim, o significado de uma expressão não pode ser determinado somente pela construção lingüística e, mais, discursiva de um enunciado. As variações, que são enquadradas nas discussões semânticas, levam em conta as mudanças relacionadas aos interlocutores, ao contexto e à estrutura do discurso. “[...] calculamos o significado de uma sentença a partir do sentido dessa sentença e da situação em que ela é produzida” (MOURA, 1999: 63).

Possenti (2001) aborda a enunciação a partir de um efeito de sentido, e que este sentido é construído a partir de um discurso em que se inserem. Assim, o sentido de uma palavra não é, necessariamente, o que lhe é atribuído morfológicamente, mas o que é construído através da memória discursiva que se

⁴A cada dia mais, na produção jornalística, o direcionamento das informações se dá de maneira diretamente relacionada ao público, levando em conta os interesses diretos e indiretos dos receptores – interlocutores – da informação.

inscreve nele próprio e entre os interlocutores envolvidos no processo de construção e transmissão da informação. Para o autor, o sentido de uma palavra nunca é individual, mas formado por um conjunto de palavras que mantém uma relação entre si, muitas vezes metafórica. A partir da memória discursiva, evidencia-se que as estruturas discursivas surgem de um sujeito que não segue somente as regras da língua, mas um conjunto mais amplo de formulações.

Em muitos momentos o contexto absorvido pelos interlocutores não é suficiente para a compreensão integral do enunciado apresentado em um dado momento, fato muito comum na enunciação jornalística. Possenti trata esta questão em relação às piadas. “[...] não importa muito se quem faz a piada (ou a acha, ou mesmo a conta) sabe o que está dizendo. O que importa é a conexão entre o que diz e outros discursos do mesmo tipo, ou melhor, produzidos da mesma posição” (2001: 58). A interdiscursividade está presente também no jornalismo, e muito intensamente no televisivo. A falha informacional pode estar no locutor, que nem sempre é, efetivamente, o autor do texto apresentado. Este fato pode prejudicar a transmissão da informação, embora a pouca improvisação na produção telejornalística brasileira faça com que o apresentador do telejornal em raros momentos estruture o texto quando realiza a transmissão⁵. Em outros momentos, a falha pode ser visualizada também no re-

⁵O texto lido pelos apresentadores no telejornalismo é normalmente escrito pelos editores, editores de texto ou redatores da emissora. Em poucos casos o apresentador participa da redação das chamadas e cabeças das matérias. Em ambas as situações, entretanto, a redação é realizada anteriormente à transmissão das informações pelo meio de comunicação.

ceptor da informação. Como o processo de conversação e troca de informações é interacional e, portanto, só se efetiva com a eficácia da recepção e compreensão dos dados, neste ponto a falha pode acarretar em sérias conseqüências. Caso o receptor não tenha a compreensão dos dados prevista ou necessária, irá gerar alterações na captação e/ou construção do sentido do discurso.

Uma das formas mais evidentes e comuns desta distorção é a polissemia, embora ela possa também se dar através de fragilidades na absorção e dedução de pressupostos e subentendidos, a partir de uma falha contextual. “[...] algumas palavras têm mais de um significado e é isso que as torna ambíguas. Este fenômeno também é conhecido como **polissemia**. Ora, as sentenças podem revelar-se ambíguas mesmo que não haja nelas nenhuma palavra polissêmica” (CHERCHIA, 2003: 62-63) [grifos do autor]. Através da polissemia, em muitos discursos, - seja ela manifestada pelas palavras que tenham conotação polissêmica, seja pelo contexto discursivo que a converte nisso - é possível obter distintas interpretações das informações. Cherchia apresenta como exemplo:

- (a) Yoko Ono falará de seu marido que foi morto em uma entrevista com Jô Soares.
- (b) O preço para a esterilização de um cachorro é cinquenta reais. Para cachorros de aposentados que ainda não foram esterilizados o preço é trinta centavos.
- (c) O programa desta noite abordará os problemas de estresse e do casamento com Hebe Camargo. (2003: 63)

Em (a) pode-se observar que, mesmo com expressões não polissêmicas, o enunciado pode ser interpretado como: 1) Yoko Ono

falará a Jô Soares sobre seu marido, que foi morto e 2) Yoko Ono falará sobre seu marido, que foi morto durante uma entrevista que concedia a Jô Soares. Já em (b) é possível interpretar: 1) que os cachorros não esterilizados que têm donos aposentados podem ser esterilizados a trinta centavos e 2) que os donos aposentados e não esterilizados de cachorros podem esterilizar seus animais por trinta centavos. Na sentença (c) as distintas compreensões dizem que: 1) o programa discutirá com Hebe Camargo questões que envolvem estresse e casamento e 2) o programa irá discutir estresse e problemas que enfrenta quem se casa com Hebe Camargo. São alguns exemplos que podem, comumente, ser observados no cotidiano do texto jornalístico.

A presença da polissemia no discurso jornalístico pode vir a ser sanada pela totalidade do discurso, mas este esclarecimento não acontece em todas as manifestações discursivas. Expressões como esta carga de polifonia e diversidade de compreensão das informações podem ser encontradas também no cotidiano da prática jornalística.

As distintas formas de compreensão e constituição do sentido dos enunciados, quando consideradas como um processo, e não como um elemento distinto e unificados, considera também a maneira como esta forma funciona em um enunciado determinado, e como este enunciado funciona em um texto mais amplo, que, agregadamente, constituem o discurso. É o que Guimarães denomina *semântica do acontecimento*.

[...] considerando a própria operação de análise, tomar o ponto de vista de uma semântica lingüística é tomar como lugar de observação do sentido o enun-

ado. Deste modo, saber o que significa uma forma é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do enunciado. (GUIMARÃES, 2002:07)

2.1 Pressupostos e subentendidos

A comunicação e a compreensão das linguagens e, principalmente, da língua se dá a partir da atribuição de significados ao discurso, da compreensão dos distintos enunciados apresentados, relacionados, como explica Ducrot, ao estabelecimento de hipóteses, ultrapassando o “terreno da experiência e da constatação” (1987:13).

As distinções entre os sentidos construídos pelos discursos passam, em sua maioria, pelas noções de pressupostos e subentendidos apresentados por Oswald Ducrot. Para o autor, o sentido dos discursos sempre considera, na sua descrição, um componente semântico e um componente retórico.

Um primeiro componente, isto é, um conjunto de conhecimentos (*descrição semântica lingüística de L*, ou, abreviadamente, *componente lingüístico*) atribuiria a cada enunciado, independentemente de qualquer contexto, uma certa significação. [...] Caberia a um segundo componente (*o componente retórico*), considerando a significação A' ligada a A e as circunstâncias X nas quais A é produzido, prever a significação efetiva de A na situação X. (DUCROT, 1987:15)

O autor trabalha no campo da semântica, que permite a discussão e o apontamento de várias significações e denotações para uma

mesma construção discursiva. Entre as estratégias de representação e compreensão destes discursos estão os pressupostos e subentendidos. Toda linguagem, para que permita a avaliação e absorção do discurso, deve considerar os distintos contextos envolvidos no seu processo de elaboração.

Ao discutir esta questão, Ducrot explica, em entrevista a Heronides Moura (1998), que o que

[...] interessava na noção de pressuposição é que ela mostrava que, entre as informações contidas num enunciado [...], há que se fazer uma distinção essencial, a qual não pode ser explicada em termos informativos. Era preciso distinguir, no enunciado, entre aquilo que era pressuposto e aquilo que era posto. (MOURA, 1998:169)

Ducrot estabelece claramente uma distinção entre pressupostos e subentendidos no discurso. Entretanto, nem sempre é possível distingui-los assim de maneira tão evidente no discurso oralizado. O discurso oral tem características próprias, como a correção, que muitas vezes é utilizada para sanar falhas de emissão, lacunas no contexto da informação, dados estes que, na sua maioria deveriam, segundo o que diz o autor, ser sanados pelos pressupostos. Estes pressupostos acabam sendo oferecidos de maneira mais explícita, transmutando-se em postos do discurso.

Nas obras do autor, quando se apresenta a diferenciação entre pressupostos e subentendidos, os enunciados trazem como evidente a separação. O enunciado mais comum nesta apresentação, criado para que o leitor compreenda as categorizações, embora elas este-

jam desenquadradas de um contexto que interfere em sua significação, é “Jacques continua fumando”. Ducrot (1987) destaca que, se continua fumando, pressupõe-se que Jacques fumava antigamente. Já o subentendido estaria relacionado ao sentido literal e, portanto, diria respeito à afirmação de que ele fuma atualmente.

3 Ponto de Vista: uma análise da superficialidade informativa

Muitas vezes a informação repleta de exigências de pressupostos e subentendidos faz com que a transmissão de um fato jornalístico acabe transmutando-se em informação predominantemente superficial e de compreensão falha. É possível visualizar este fato em algumas das reportagens, como as selecionadas para avaliação.

Em R1, para que o receptor possa compreender a totalidade das informações, é necessário que tenha, como mínimo, acompanhado as informações anteriores referentes a este tema. (a) “Já estão de volta ao Brasil os pernambucanos que foram à África do Sul vender os rins”. Ao apresentar este trecho como abertura da nota, o jornalista o estrutura como se o receptor já tivesse conhecimento dos desdobramentos anteriores da situação. Para que, de imediato, o interlocutor compreenda corretamente o enunciado, e saiba a que fato ele se refere em seu rol de informações de conhecimento de mundo, é necessário que tenha um bom contexto social. Caso contrário, o enunciado pode ser compreendido erroneamente, por exemplo, quando o texto se refere a vender os rins, a ambigüidade no discurso pode levar a duas interpretações: 1) os pernambucanos foram

vender seus próprios rins; 2) os pernambucanos foram vender rins de terceiros, agindo como intermediadores em um processo de comercialização ilegal.

Analisando a partir de Ducrot (1987), verifica-se que a expressão (a) traz em si o pressuposto de que os pernambucanos saíram do Brasil para vender os rins. Este pressuposto está inscrito sintaticamente no discurso, já que, para poderem voltar, os pernambucanos tiveram que sair do país. Já o subentendido, construído a partir do contexto, do que está inscrito de maneira mais subliminar no enunciado, pode denotar que a venda de rins é ilegal, e por isso os brasileiros foram enviados de volta ao Brasil. Entretanto, nem sempre um enunciado isolado resolve a ambigüidade ou a diversidade de compreensão do sentido do discurso, a variedade na identificação de subentendidos. Muitas vezes, a remissão ao contexto lingüístico e/ou ao contexto social auxiliam neste processo de compreensão.

A nota, na seqüência, explica que apenas um dos homens efetivou a cirurgia, e que, por isso, recebeu seis mil dólares. Além disso, mostra que foram recebidos pelos familiares, e denota que não tiveram, imediatamente, nenhum problema com a polícia. O contexto lingüístico, entretanto, pode auxiliar na compreensão do sentido do discurso ou ainda criar maior ambigüidade na sua construção. Por exemplo, na seqüência do enunciado (b) “Os outros dois homens fizeram exames, mas não chegaram a fazer a cirurgia. Eles disseram que foram enganados e que ajudarão nas investigações”.

A confusão fica instalada na compreensão a partir do momento que não se sabe quais as conseqüências que a venda de órgãos feita por brasileiros fora do Brasil pode acarretar.

Ao mesmo tempo em que o discurso apresenta uma investigação sendo realizada e o contexto social dos brasileiros diz que, no país, é ilegal a venda de órgãos, há uma incerteza gerada pela instabilidade e a superficialidade das informações trazidas pela notícia.

R2, apresentada também no Jornal Hoje do dia 13 de dezembro de 2003, refere-se às buscas por uma ativista do Greenpeace. Novamente a nota é uma suíte⁶, e, provavelmente devido a isso, pressupõe que o interlocutor do discurso já tenha acesso às informações transmitidas anteriormente. O início da nota é apresentado como: (c) “Recomeçaram as buscas à ativista do Greenpeace que desapareceu de um navio, na quinta feira à noite, no rio Pará”. O discurso jornalístico, principalmente o televisivo, pede a identificação imediata da informação que está sendo transmitida, ou ainda do conteúdo que trata a reportagem. Em (c) vê-se a remissão a informações anteriores, gerando inicialmente uma superficialidade que, entretanto, é amenizada com os dados apresentados na seqüência, quando o texto, através do contexto lingüístico, especifica alguns dados a que se remete imediatamente quando se apresenta o primeiro enunciado. Entretanto, a falha pode ser apontada, em R2, no que diz respeito às informações factuais. Os dados que compõem o contexto lingüístico restringem-se ao período do sumiço da inglesa. Já em relação às informações das buscas, a restrição é maior.

Ducrot (1987) também pode ser identi-

⁶Suíte é uma matéria complementar a outra, que foi apresentada em dias anteriores. Por exemplo, quando acontece um assassinato, as reportagens que compõem a cobertura da busca e posteriormente do julgamento dos acusados são suítes.

ficado neste enunciado. O contexto social mundial pressupõe que ativistas do Greenpeace estão em constante protesto e contraposição a personalidades, e, devido a isso, correm risco de serem perseguidos e agredidos. Assim, uma ativista desaparecida, mesmo com perspectivas de um acidente em uma tempestade no mar, remete a possibilidades de perseguição. O contexto lingüístico, no encerramento da nota, remete também a este contexto social, em (d) “A ativista estava na região há quatro meses participando de uma expedição para denunciar a retirada ilegal de madeira da floresta amazônica”.

Já em R3, divulgado pelo Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, no dia 15 de dezembro de 2003⁷. Em (e) “Um dia após o anúncio de sua prisão, o grande mistério está em torno do paradeiro de Saddam Hussein”. Há a necessidade de contexto social para a compreensão da informação, principalmente o reconhecimento do personagem Saddam Hussein, de sua história e do desdobramento dos fatos que o envolvem nos últimos meses. Para que o interlocutor saiba qual é a relevância da prisão de Hussein e por que seu paradeiro é questionado, deve saber que o ex-ditador está desaparecido há meses e que os Estados Unidos oferecem, em alguma perspectiva, riscos a ele, e que, por isso, seu paradeiro é questionado. Outra possível interpretação a ser implicada neste enunciado é a falta de confiança que se estabeleceu mundialmente em relação às ações do exército americano. Assim, sem a determinação e

⁷Ao contrário dos trechos analisados anteriormente, esta seleção e a próxima são reportagens completas de telejornalismo, que contém entrevistas, offs e passagens do repórter. Normalmente, estas reportagens são mais completas que as notas, deixando menos vazão à falha da superficialidade informacional.

divulgação do paradeiro do ex-ditador, não se tem a confirmação de que ele realmente esteja ou se mantenha detido. São distintas possibilidades de interpretação e imputação de sentido no discurso já previamente construído, variados subentendidos que podem ser atribuídos ao texto.

Em (f), há a necessidade de recorrência ao contexto lingüístico para que se possa compreender corretamente a informação que está sendo transmitida. (f) “A informação sobre o paradeiro dele veio de um iraquiano capturado na última sexta-feira”. O contexto anteriormente estabelecido, dá conta de que os dados de (f) referem-se à captura de Hussein. Desta forma, define-se, a partir do contexto lingüístico, que neste enunciado o paradeiro aqui utilizado não é o mesmo apresentado no início da reportagem, mas o já determinado, que levou à prisão do ex-ditador.

A ambigüidade pode ser dirimida pela absorção total do discurso, entretanto, pode ser visualizada em muitos momentos do texto. Um dos exemplos é (g) “Foram divulgadas novas imagens do esconderijo de Saddam Hussein. Elas mostram sapatos, roupas, charutos e chocolates americanos que pertenciam ao ex-ditador”. O enunciado pode ser compreendido de duas maneiras: 1) sendo o esconderijo o local onde Hussein está hoje, tendo sido ocultado pelo exército americano; 2) sendo o esconderijo o local onde Hussein se escondia do exército americano, onde foi capturado.

A última matéria apresentada, R4, também uma reportagem completa e, portanto, mais ampla que as notas, refere-se ao aniversário de São Paulo. Em (h) “No calendário de festas e homenagens, você tem um encontro conosco, marcado para o dia 6 de janeiro”. A expressão “você tem um encon-

tro marcado conosco” pode denotar distintos sentidos, como: 1) o encontro literal entre o jornalista e o receptor; 2) o encontro virtual entre os milhares de receptores da Rede Globo e os atores da minissérie *Um Só Coração*. A metaforização também integra o discurso jornalístico polifônico. Em (i) “Até a festa de lançamento mergulhou na história” pode-se fazer a interpretação literal da festa como um objeto que mergulha na história ou então da festa como um evento contextualizado no ambiente em que se passa a história. Esta dúvida é dirimida na seqüência do discurso, quando se especifica que o Museu de Arte Moderna, onde foi realizada a festa, foi criado por personagens da minissérie. Entretanto, muitas destas informações não estão inscritas lingüisticamente no discurso do meio de comunicação de massa, mas exigem dos interlocutores conhecimento contextual, social e lingüístico para suprir a superficialidade identificada, seja em perspectivas discursivas estruturais ou contextuais.

4 Referências Bibliográficas

- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Londrina, PR: EDUEL, 2003.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Edunesp: Boitempo Editorial, 1997.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- LYONS, John. *Semântica I*. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Semantics and Argumentation: Dialogue with Oswald Ducrot. *DELTA*. [online]. Feb. 1998, vol.14, no.1 [cited 11 November 2003], p.169-183. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001.
- POSSENTI, Sírio. Ainda sobre a Noção de Efeito de Sentido. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (orgs). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2002.